



**UFSM**

**ARTIGO MONOGRÁFICO**

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO  
NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

KÁTIA TEREZINHA GONÇALVES GUASSO

PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM

São Borja, RS, Brasil

2007

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO  
NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

por

**KÁTIA TEREZINHA GONÇALVES GUASSO**

Artigo apresentado no Curso de Pós-Graduação em  
Educação de Surdos e Déficit Cognitivo, do Centro de Educação da Universidade  
Federal de Santa Maria em convênio com a Fundação Áttila Taborda – URCAMP –  
Campus de São Borja/RS, como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos**

***PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM***

São Borja, RS, Brasil

2007

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação – Especialização em Educação  
Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de  
Especialização

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO  
NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

elaborado por

**KÁTIA TEREZINHA GONÇALVES GUASSO**

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos***

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Lise Lunardi**  
Presidente/Orientadora

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Renata Corcini Carvalho**  
Examinadora

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Ângela Nediane dos Santos**  
Examinadora

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Andréa Tonini**  
Suplente

São Borja, RS, Brasil

## **RESUMO**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de Surdos  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

AUTORA: KÁTIA TEREZINHA GONÇALVES GUASSO

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MÁRCIA LISE LUNARDI

SÃO BORJA, RS

A reflexão sobre práticas educacionais, formação e transformação de metodologias nunca foi tão intenso como agora. Professores, pais e alunos, todos fazem parte desse processo de mudanças que ocorre no contexto educacional. Abordando esse tema, o presente artigo propõe uma reflexão sobre esse turbulento ambiente educacional, que está gerando cada vez mais crianças ao fracasso escolar. Ressalta-se assim, a necessidade de fortalecimento e flexibilização da relação família, escola e comunidade escolar, para o desenvolvimento integral do aluno. O texto apresenta uma pesquisa bibliográfica sobre a importância de formação contínua do professor, para que consiga discernir os diferentes processos que ocorram nas salas de aula, com a diversidade que se apresenta e entenda como deve ser trabalhada a nova criança que se apresenta nesse ambiente escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação – pesquisa – diversidade

## **ABSTRACT**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de  
Surdos  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E SUA RELAÇÃO NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS**

AUTORA: KÁTIA TEREZINHA GONÇALVES GUASSO

ORIENTADORA: MÁRCIA LISE LUNARDI

SÃO BORJA, RS

The reflection on education practices, formation and transformation of methodologies was never as intense as now. Teachers, parents and students, all are part of that process of changes that happens in the education context. Approaching that theme, the present article proposes a reflection on that turbulent education atmosphere, that it is generating children more and more to the school failure. It is stood out like this, the invigoration need and flexibilização of the relationship family, school and school community, for the student's integral development. The text present a bibliographical research on the importance of the teacher's continuous formation, so that it gets to discern the different processes to happen at the classrooms, with the diversity that comes and understand how the new child that comes in that school atmosphere should be worked.

**KEY-WORDS:** Formation – researches – diversity

## 1 APRESENTAÇÃO

Há vários anos atuo na educação especial, com experiência de regência de classe e supervisão em departamentos específicos da área.

A Educação Especial é uma área que permite ter uma visão diferente da grande problemática que atualmente envolve o contexto educacional. É esse olhar que me permitiu ter uma visão preocupante em relação ao grande número de crianças com dificuldade de aprendizagem no início de sua escolaridade, todas chegam à escola com estímulos anteriores, por uma socialização prévia que não foram preparadas para as situações de aprendizagem, com ânsia de aprender e muita expectativa em relação à escola. Vivencia-se assim, a grande dificuldade que essas crianças têm para poderem apoderar-se do conhecimento e o quanto os professores que trabalham com as mesmas se tornam angustiados por não conseguirem mediar essa aprendizagem.

Essa realidade está presente nas escolas, deixando claro que a mudança só ocorrerá com a drástica inovação da prática educacional com constante atualização ou não será possível dar conta da inclusão com aprendizagem. Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo repensar e ressaltar a importância da formação do professor para garantir a qualidade do trabalho realizado com o aluno.

Discute-se muito através de seminários, debates e pesquisas, se realmente a escola deve assumir as responsabilidades e papéis que deveriam ser da família como a educação complementar dos filhos. Segundo Lino Macedo (apud GENTILE, 2007, p. 35), a única saída é conscientizar-se de que o novo papel do professor inclui atender o aluno que não vem pronto de casa para adquirir conhecimento. Com essa nova visão a escola deve preparar-se para realizar um trabalho pedagógico que não contemple apenas seus educandos, mas também as suas famílias. Para Vanini (apud GENTILE, 2007, p.35), não dá para correr atrás de resultados de ensino sem pensar em reeducar os pais, que não conhecem a proposta pedagógica da escola, o que ela oferece aos filhos e como eles aprendem.

Ser diretor, supervisor, hoje, não é apenas estar à frente da escola, é conseguir ter um olhar abrangente que envolva toda a comunidade escolar, ou seja, professores, pais, alunos, funcionários e comunidade em geral. Saber construir junto com sua equipe pedagógica uma proposta e contemple atividades conjuntas, visando sempre à integração e a formação para dar condições de aprendizagem aos alunos.

Mas diante dessa onda de mudanças questionamentos, como a escola deve agir? Que procedimentos são esperados por parte de um professor? De que maneira transformar informações em conhecimento? Como fazer com que se manifeste o saber, através das múltiplas linguagens? De que maneiras podem fazer da tecnologia digital uma ferramenta de mudanças comportamentais? Enfim como proporcionar ao aluno o acúmulo de suas capacidades, o acesso às competências e estímulos a todas as inteligências? Será possível sonhar que existam novas maneiras de aprender? De que forma o professor poderá experimentar novas maneiras de ensinar e como poderia transformar a informação em conhecimento em experiência? (ANTUNES, 2002 p. 9).

A escola deve ressurgir com o objetivo de promover a melhoria nas condições de vida, deixando de lado a marginalização e o insucesso de milhares de crianças e jovens, buscando soluções para que o sistema educacional seja eficaz no sentido de promover o conhecimento, e assim, vencer os sérios problemas crônicos que se encontra hoje como evasão escolar, baixa auto-estima, agressividade, ou seja, o grande número de alunos com problemas de aprendizagem.

Não se pode esconder indícios de uma nova educação, quando se trabalhar com a diversidade, identificando as necessidades e características pessoais de cada aluno, esse é um dos grandes desafios do dia-a-dia na sala de aula. Ainda encontram-se muitos obstáculos para trabalhar com a inclusão, não devido aos alunos incluídos, mas pela falta de formação adequada, que não acompanha essas mudanças tão rápidas que estão acontecendo atualmente. Nunca se falou tanto em formação e capacitação como agora. Ultimamente tem se falado de qualidade total, não se admite mais quantidades, é necessário que se analise a prática com eficiência.

Essa redefinição do papel da escola e do educador permite refletir melhor sobre os problemas da sala de aula. Sabe-se que não se espera que encontrem soluções para todas as dificuldades do dia-a-dia em cursos, seminários, capacitações, mas vão ajudar infra-estrutura e condições consideradas ideais para a aprendizagem. Não se pode, também, deixar de considerar a experiência pessoal de cada educador, o lado vocacional de cada um porque, vocação é coisa completamente diferente. Não pode ser ensinada. Não se aprende. Nasce com a gente. Brota de dentro do corpo/alma, como fonte (ALVES, 2003, p.108).

Teorias e práticas andam juntas, pois não é possível intervir em determinadas situações se o professor não estiver atualizado e tiver o olhar sensibilizador. Na educação inclusiva da Nova Escola que se apresenta, o domínio

de ambas é que vão levar a busca de possíveis soluções das problemáticas, transformando a prática educacional.

Com esse intuito, surge a proposta da análise desse trabalho monográfico que busca discutir sobre qual a forma mais adequada para dispor de recursos que possam auxiliar o professor quando este se deparar com as dificuldades que as crianças encontram para processarem seu conhecimento.



## 2 AS QUESTÕES DA EDUCAÇÃO NOS LIMIARES DA CONTEMPORANEIDADE

A educação, atualmente, exige que os educadores estejam com um pé no presente e outro no futuro. No presente porque as mudanças estão ocorrendo com muita rapidez e no futuro devido às situações que se apresentam hoje. O professor precisa ir preparando-se para receber o seu aluno futurista, pois não se pode mais ficar na retaguarda, enquanto nossos alunos apresentam-se anos luz à nossa frente. O uso da tecnologia, a relação entre escola e família, a pedagogia de projetos e a formação continuada passam a fazer parte do dia-a-dia do professor.

A crise pela qual passa o ensino no Brasil é de grandes proporções, mas há muitas possibilidades de quebrar paradigmas e construir outros conceitos de educação de forma mais concreta possível, por meio de ações simples que produzam resultados eficazes e profundos. São pequenos gestos que provocam as mudanças, e a intervenção de cada um, mesmo que numa tímida esfera de atuação, produzirá resultados alentadores. As grandes mudanças começam por professores comprometidos com seus alunos, àqueles que ficam, junto à escola, provocando mudanças, de grupos de estudos de cursos de capacitação, especializações, mestrados, doutorados, mas a nível de práticas dentro de sua sala de aula, fazendo o diferencial com os seus alunos.

Uma nova educação desponta e nela a grande mudança que ocorre na sociedade hoje, leva a repensar o sentido e o significado da palavra escola. São questões de um novo tempo que irá levar a respostas para uma educação inovadora, atualizada que oportunize não os alunos, mas, também seus professores a ter acesso a novas aprendizagens, que busque o envolvimento tanto emocional como profissional de todos os envolvidos com essa nova educação.

Não se pode mais fechar os olhos para as grandes mudanças, como o avanço das tecnologias, a era da *internet* e também o novo aluno que se apresenta à escola sem preparo de base familiar, como ocorria algum tempo atrás. O novo professor além de transformar as informações, precisa saber ministrá-las, pois o verdadeiro educador, além de dominar todas as teorias sabe lidar com o aluno dentro de sua prática educacional ou realizar mediações quando necessário, de forma adequada sem afetá-lo emocionalmente.

Os educadores, apesar de suas dificuldades, são insubstituíveis porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas de sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas e sim por seres humanos (CURY, 2003, p. 65).

O novo sistema de ensino e os portais eletrônicos aos poucos vão substituindo os livros didáticos, mas jamais vão substituir a pessoa do professor, porque por mais tecnologia que exista na humanidade, jamais se sobreviverá só de máquinas, pois o grande diferencial que existe nos avanços, que jamais serão substituídos, é o poder do sentimento, da emoção, pois esse poder só o ser humano possui. Só o professor poderá fazer o diferencial com seus alunos, a fim de torná-los além de futuros cidadãos competentes, seres humanos capazes de analisarem situações problemáticas, sem trazer tantas intranqüilidades. Supõe-se que devido à nova realidade apresentada ao sistema educacional, a presença da tecnologia dentro da sala de aula, como mais um recurso para o professor poder atingir os limiares do conhecimento, será necessário que a escola adapte-se, com isso o professor passa a ser o principal foco para a nova adaptação educacional, pois é o que deverá mediar todo o conhecimento com seu aluno e para que isso ocorra será necessário repensar o sentido e o significado da palavra escola.

Sabe-se que o novo contexto social, familiar e educacional está levando a criança cada vez mais cedo para a escola, atingindo, assim, diretamente o ambiente escolar, junto surge a grande necessidade de modificar a qualidade de ensino e do aprendizado dos alunos e isso só ocorrerá através da formação continuada do professor e a mudança do projeto político pedagógico da escola, contemplando todos aqueles envolvidos direta ou indiretamente com o aluno, foco principal do ambiente educacional.

As metas que deverão ser estabelecidas devem conter procedimentos que estejam relacionados segundo Cury (2003, p.72), com a “escola da vida”, ou seja, aquela que esta relacionada com a vida, que não fica esperando o aluno idealizado com toda a preparação familiar básica, que deveria ter.

Não existe mais esse padrão ideal e a escola precisa assumir sua nova identidade como educadora, formadora de caráter e finalmente com um novo sistema de formação.

O novo professor deve estar preparado para ressignificar os conceitos e construir significados em seus alunos, levá-los, a saber, refletir sobre suas ações.

A idéia de reflexão, na ação está ligada à nossa experiência do mundo. Entretanto nem sempre o sentido dessas expressões é transparente para nós. É evidente que um ser humano pensa constantemente no que faz, antes, durante e depois de suas ações. No entanto, será que isso o transforma em um professor reflexivo? (PERRENOUD, 2002, p.29.)

Questiona-se muito até que ponto um professor é reflexivo, se reflete sobre suas ações, suas práticas, se sabe mediar para que seus alunos tornem-se reflexivos. Será que ser reflexivo é só saber tomar atitudes adequadas a cada situação que se apresenta no dia-a-dia, ou ficar analisando as atitudes já tomadas para que se torne uma pessoa melhor? Afinal, qual é a sua leitura e experiência de mundo? Será que o professor pode ter atitudes reflexivas, mesmo dentro de sua escola? Tem liberdade para questionar, reivindicar, lutar por tudo que acredita?

Acredita-se que ser reflexivo é aprender não só com as suas ações, como com as ações das outras pessoas. É dar-se conta que enquanto as decisões educacionais virem de cima para baixo e forem traçadas por pessoas que não têm “experiência de mundo”, ficará muito difícil fazer com que aconteçam as mudanças.

O fato de lidar com essa realidade não torna as ações impossíveis, apenas dificulta, mas não se pode acomodar e deixar que essas reformas e novas tecnologias venham “morro abaixo”, é preciso correr atrás do prejuízo do tempo que se apresenta muito rapidamente, ao ver de todos. Como ficar calado frente à realidade que se apresenta para as escolas? Fala-se a nível governamental, em informatizar cada aluno, a possibilidade de cada um ter seu próprio *notebook*. Mas, e o professor será que está sendo contemplado com informatização? Pode deixar sua sala de aula para poder capacitar-se e acompanhar o ritmo acelerado de mudanças que atinge o aluno?

Não se fala apenas de setores educacionais que devem ser a ponte para que esses processos ocorram, mas também, equipes diretivas das próprias escolas, que muitas vezes, não oportunizam, não facilitam para que seus professores tenham acesso à formação, a fim de poderem acompanhar o sistema. Afinal, quem é o mediador da formação e informação dos alunos? Não deveria primeiro pensar em informatizar o professor para que esse possa ser um mediador capacitado para ensinar os alunos.

Sabe-se que, atualmente, muitos cursos estão sendo oferecidos, que nunca houve tanta formação como hoje, mas sabe-se também, que o professor vem sofrendo uma desqualificação em todos os níveis, seja por salários inadequados e

por pouca valorização, portanto como fazer com que ele esteja aberto a mudanças sem o resgate de sua valorização profissional e docente?

[...] considera-se que a formação continuada é importante condição de mudança das práticas pedagógicas, entendida a primeira, fundamentalmente, como processo de autonomia do professor e da unidade escolar, e a segunda, como processo de pensar-fazer dos agentes educativos e dos professores, com o propósito de concretizar o objetivo educativo da escola (FREITAS, 2006, p.15).

A formação passa a ser praticamente um passaporte para que haja sucesso no processo ensino-aprendizagem. As mudanças de prática, a busca de melhores técnicas pedagógicas, invadem nosso sistema educacional.

Quando a realidade depara-se com o grande número de crianças com aquisições pedagógicas ineficientes, é o momento de refletir-se sobre a realidade que se apresenta, questionando-se qual é o verdadeiro objetivo ou meta a ser atingida no processo educacional. A educação pode ser comparada com um automóvel que segundo Antunes (2002, p. 88),

deslocando-se por uma estrada de terra em noite escura. Seus faróis apontam para o trecho ainda não transitado, iluminam o desconhecido. Não importa muito os buracos que as rodas atravessam. Estes, vistos instantes atrás simbolizam o passado. O que agora importa não é mais a escuridão já examinada instantes atrás, mas o ponto brilhante, alcançado pelo limite dos faróis.

As estradas percorridas, anteriormente, não são mais as estradas que se encontram hoje. Podem ser, ainda desconhecidas, mas não são mais de terra. A noite ainda se pode percorrer estradas desconhecidas, mas atualmente tem-se pontos que guiam ao objetivo desejado, que é chegar ao ponto brilhante: o *aluno*. Sabe-se que no final de cada estrada desconhecida está o ponto brilhante com ou sem buracos, chega-se ao caminho percorrido, atingindo aquele objetivo que foi traçado no início da grande viagem.

Cada aluno tem sua individualidade, um caminho a ser percorrido, cabe ao professor saber traçar esse percurso sem grandes danos devido aos “buracos” apresentados na “estrada”.

A inclusão vem contemplar com essa visão, as especificidades de cada indivíduo, auxiliando-o no processo educacional, respeitando suas individualidades e

podendo, assim, evitar o fracasso escolar de tantos alunos no início da sua escolaridade, mesmo antes de iniciar sua caminhada que deveria impulsioná-la para cada jornada do saber e do conhecimento.

Segundo Pain (apud FERNANDEZ, 1991, p.82), a função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada de uma coisa ou de outra, mas de forma como se instrumenta esta educação, pode ter um efeito alienante ou libertadora.

A escola deve ser o caminho que os alunos percorrem para ter uma educação libertadora, criativa e reflexiva. Esse caminho será traçado de acordo com a vivência de mundo que cada educador possui. A aprendizagem só ocorrerá se as aulas deixarem de ser meras reprodutoras de conteúdos de livros didáticos, não que os mesmos não possam ser usados, o que se problematiza é a forma como a mediação desse material será feita para ser trabalhado com o aluno em sala de aula. Uma aprendizagem de qualidade deve sempre buscar desafiar o aprendiz a ser capaz de elaborar uma representação pessoal sobre o objeto da realidade ou conteúdo que pretende aprender, ou seja, construir significados e registrar o que foi vivenciado.

A escola deixou de ser uma aventura agradável. A criança chega com uma expectativa de novas aventuras, novas aprendizagens, por isso deve-se ter claro que não é quantidade de conteúdos, nem a habilidade de memorização imediata nas infintas avaliações que determinará a boa educação ou aprendizagem. O conteúdo se torna importante quando há um sentido em sua seleção, quando estabelece nexos com a vida, com a prática da cidadania. A forma como se ministra o conteúdo é fundamental. Todo o programa que deverá ser trabalhado com os alunos, deve-se ter objetivos bem traçados, metas que deverão ser alcançadas de acordo com as individualidades.

Sabe-se que a capacidade é o poder que todo ser humano possui de receber, aceitar, apossar-se, sendo assim, o professor não pode ensinar o aprendente a “ser capaz ou não ser”, mas pode ajudá-lo a mediar essa capacidade através de recursos que deverão ser contemplados com procedimentos em todas as áreas do desenvolvimento, ou seja, motora, cognitiva e afetiva. Sabe-se que a união desses processos irá levar o indivíduo a uma formação totalizadora. Os componentes curriculares da escola devem demonstrar uma preocupação em relacionar as

competências às situações de vida, para fazer desses uma melhor maneira de viver e se relacionar.

O novo professor deve estar preparado para ressignificar os conceitos e construir significados em seus alunos, assim como a escola, também deve estar preparada para recebê-los em um ambiente acolhedor, assim sendo o professor terá condições de mediar conhecimentos, construir saberes baseados em vivências reais e não em cima de situações jamais vivenciadas ou imaginadas pelas crianças. Para Zorzi (apud FERRARI, 2006, p.24) muitas vezes falta ajuste entre o método e as características do aluno.

O professor é o principal responsável pelo envolvimento ou não das crianças na situação de aprendizagem em que se encontram. Não se pode esperar que todos tenham uma aprendizagem padrão. Cada criança possui sua individualidade, sua especificidade para aprender, assim como seu ritmo e seu tempo de assimilação. Portanto, o método utilizado pedagogicamente não pode ser único, pois não atingirá todos. Deve-se pensar naqueles que possuem um processo mais lento para a aprendizagem.

A escola que tem aluno como principal foco, contempla, em seu projeto político pedagógico as necessidades e também as dificuldades que sejam encontradas no cotidiano escolar.

O aluno não vai à escola apenas para aprender a aprender, mas também para aprender conteúdos curriculares já elaborados que faz parte da cultura e do conhecimento que faz com que a construção dos alunos seja peculiar. Dessa forma, novos saberes são construídos sobre algo que já existe, circunstância que impede à atribuição de significados pessoal em um determinado sentido (ANTUNES, 2002, p.31).

Daí a importância das construções pedagógicas baseadas em pontos reais e em conjunto com todos aqueles envolvidos com os alunos, principalmente suas famílias.

Constata-se que um grande número de crianças não tem apoio familiar, levando-os, também, a terem sérias dificuldades em sala de aula.

É um grande desafio para o professor realizar um trabalho com eficácia, junto às crianças, cuja família é totalmente descomprometida com a escola. Muitas vezes os professores acham-se quase incapazes para realizar essa tarefa. Segundo Montavanini (apud GENTILE, 2007, p.35), sentindo-se importante, o professor

procura uma situação que o prende: já que não pode mudar a família do aluno, ele acha que não é possível ensinar.

Surge assim a escola, que deve oferecer a criança o que realmente é importante para sua formação de vida; é no ambiente escolar que a criança deve ter acesso á todo conhecimento, a todo carinho, que talvez lhe seja negado em seu ambiente familiar. “Existem muitas crianças endurecidas pela vida, que chegam à escola com uma grande carga”.<sup>1</sup>

O âmbito escolar deve ser transformado para a contemplação desse aluno, o céu que não lhe é oferecido no ambiente familiar, deve ser oferecido no ambiente escolar. Nesse sentido, o professor deve ter o grande cuidado para não perder seu aluno, pois é ele que tem o grande poder de despertar a magia do desejo do aprender.

É nesse percurso que surge a escola inclusiva, aquela que não busca o aluno ideal, mas oferece situações de aprendizagem onde possam desenvolver-se de acordo com suas possibilidades, valorizando o potencial de cada um, buscando assim o fim desse caminho tão penoso com tantas crianças com dificuldade de aprendizagem ou fracasso escolar.

---

<sup>1</sup> Fala proferida por Mônica Dorian Arpini, na Palestra de Encerramento do Curso Educação de Surdos e Déficit Cognitivo, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria em convênio com a Fundação Áttila Taborda – URCAMP – Campus de São Borja/RS, no dia 24 de novembro de 2007.

### **3 OS DESAFIOS DE SER PROFESSOR NA ESCOLA INCLUSIVA: A FORMAÇÃO DOCENTE COMO PESQUISA**

Pensar na formação do professor para exercer uma adequada pedagogia dos meios, uma pedagogia inclusiva é pensar numa perspectiva moderna, atualizada e própria de desenvolvimento, é almejar uma educação capaz de manejar e de produzir conhecimento, fator principal que se impõe para a real prática docente.

Organizar e estimular situações de aprendizagem em sala de aula não é uma tarefa fácil, mas pode ser gerenciada se bem administrada por um educador que ressignificou sua atuação docente a partir de suas práticas. Pode-se dizer o que se pode fazer, mas como fazer depende principalmente do professor, uma vez que ele conhece o aluno, seu meio social, seus desafios, suas falas e até mesmo seus sonhos. Por isso estimular situações de aprendizagem significa ligá-los à vida do aluno, ajudá-lo a resolver problemas não só das atividades pedagógicas, mas também dos “exercícios” propostos pela vida.

Cabe ao professor levar seu aluno aos limiares da aprendizagem. O estímulo o incentivo, a criatividade, a metodologia e as técnicas diversificadas terão efeito significativo na aquisição dos conhecimentos. Para que todo esse processo ocorra é necessário que se tenha conhecimento sobre as fases do desenvolvimento humano, sobre como se dá a escrita alfabética, sobre que tipo de aluno recebeu em sala de aula, quais foram suas aquisições anteriores, como está preparado para as novas aquisições, é necessário que se saiba criar espaços e situações que possibilitem a criança a adquirir autonomia, levando-o assim a construção do pensamento.

Madalena Freire (apud GROSSI; BORDIN, 2001, p.11) coloca que o educador educa a dor da falta cognitiva e afetiva para a construção do prazer e, também, da falta que nasce o desejo. Educa a aplicação da tensão da angustia de desejar. Educa a fome do desejo. Somos movidos pelo desejo de crescer, de aprender, e nos educadores, também de ensinar.

Quando a realidade começa a apresentar um número gritante de crianças com fracasso escolar ou com déficit cognitivo, que não conseguem se encaixar no processo de aprendizagem exigido pela escola, inicia-se as perguntas por parte dos educadores do que está acontecendo e a incerteza e indagações começam a fazer parte do dia-a-dia do professor. Percebe-se a “falta” de algo, a necessidade cada



vez mais intensa de buscar soluções, para a grande problemática. Nasce assim o desejo de mudança, de formação, de ensinar de forma diferenciada.

Segundo o Zorzi (apud FERRARI, 2007, p. 25):

Os alunos hoje podem ser classificados em três grupos: os que chegam a primeira série com condição favorável de aprendizagem, com bom nível de informação, freqüentam a pré-escola e possuem apoio familiar. Outro grupo é formado pelos que vem de ambientes que propiciam um preparo, mas que não se envolveram muito e o terceiro grupo que não tiveram experiências prévias, nem uma família que pudessem ajudá-los de alguma maneira e há também os que possuem as dificuldades intrínsecas. 'Com essa grande diversidade apresentada dentro de uma sala de aula, o professor precisa estar preparado para conseguir dar rumo às questões dos seus alunos'.

A pesquisa de campo é uma das ferramentas que o professor pode lançar mão para ajudá-lo a trabalhar com as diversidades apresentadas, pois nem todas as dúvidas de uma turma são de outra, mas certamente em todas as classes existirão dúvidas aos turbilhões para que se organizem questões, oportunizando assim a estruturação e a oportunidade de construção de respostas, da busca de significados.

Essa organização que deve ser feita pelos professores, depende de competências que levem a saber selecionar conteúdos a serem ensinados, elegendo-os de acordo com os objetivos da aprendizagem, trabalhar a partir das representações dos alunos, da sua realidade, dos seus erros e obstáculos, mas nunca buscar nas falhas um pretexto para ajudá-lo ou jogá-lo ao fracasso escolar, mas valer-se do diagnóstico de sua incompreensão, a qual necessita ser superada pela ação do professor. Os conteúdos a serem trabalhados deverão ter uma seqüência didática, com temas integrados, com idéias que se amarram.

Envolver os alunos em atividades de pesquisa é um dos desafios, pois o professor é "fazedor" de perguntas, é aquele que sugere atalhos apresenta dicas, propõe curiosidades, valoriza o diálogo, ensina seus alunos a conversar, argumentar, debater, conceituar, julgar...

Se o professor conseguir oferecer um ambiente com todos esses aspectos, a aprendizagem certamente se tornará um processo de interação para que não ocorra o tão falado e temido sintoma escolar ou fracasso escolar. São tantos os casos de crianças encaminhadas aos consultórios com problemas de aprendizagem que os pais vêem os profissionais de saúde como o último recurso para "salvarem" seus filhos. O problema escolar está se alastrando de tal forma que os próprios

professores acabam por acharem que também não podem mais trabalhar sem uma equipe técnica, multidisciplinar de apoio. Quando na verdade, deveriam estar questionando as certezas, interrogando a prática e relativizando as teorias. Segundo Pestalozzi (apud CAVALCANTI, s.d. p. 138):

(...) a criança se desenvolve de dentro para fora – uma idéia oposto a concepção de que a função do ensino é preenchê-la de informação. Um dos cuidados principais do professor deveria ser respeitar os estágios de desenvolvimento pelos quais a criança passa. Dar atenção a sua evolução, as suas aptidões e necessidades de acordo com as diferentes idades.

Uma das principais dificuldades encontradas na realidade educacional da autora deste estudo, é conseguir ministrar todos os conteúdos que precisam ser trabalhados com a criança, respeitando também os estágios que as mesmas se encontram. Saber relacionar os conteúdos e ao mesmo tempo respeitar as aptidões de acordo com as diferentes idades, não é uma tarefa fácil. O professor precisa saber fazer “ganchos” entre conteúdo programado e o estágio em que se encontra o aluno.

Para isso é necessário que seja condição fatal da educação pela pesquisa, que o professor seja pesquisador, que seja definido pela pesquisa. Não precisa ser um “profissional” da pesquisa, mas como profissional da educação, um pesquisador. No ambiente escolar, prevalece à pesquisa como princípio educativo ou o questionamento reconstrutivo voltado para a educação do aluno.

De acordo com Demo (1998, p.38), a pesquisa apresenta para o professor cinco grandes desafios, com fins eminentemente educativos, que são:

- (re) construir projeto pedagógico próprio;
- (re) construir textos científicos próprios;
- (re) fazer material didático próprio;
- inovar a prática didática;
- recuperar constantemente a competência

Um dos pontos cruciais desse desafio é o projeto pedagógico próprio que leva o professor a deixar de falar pelos outros ou de ser mero porta-voz de teorias alheias, ou de apresentar-se como mero discípulo. Ele comparece com proposta própria, elaborada e sempre reelaborada, levando o professor a manejar com virtuosismo inequívoco sua proposta pedagógica, com pé e cabeça, começo meio e fim. A capacidade de argumentar, fundamentar, raciocinar, questionar deve estar presente

em todas as fases. Este processo vai mostrar que quem aprende muda de projeto durante a vida.

Os textos científicos próprios geralmente voltados para a área de interesse curricular, também fazem parte do desafio da competência docente. Por ser um profissional da educação, precisa de ferramenta científica, sobretudo como base educativa. Trata-se de incentivar o professor a produzir textos próprios dotados de marca científica suficiente, nos quais possa de modo mais evidente e garantido, progredir no questionamento reconstrutivo, em termos teóricos e práticos. Deve-se ter um tema predileto do qual busca sempre estar atualizado e ser produtivo. Não se pode escolher qualquer tema, não deve haver excesso, é importante dominar alguma matéria com elegância clara, como por exemplo: alfabetização em geral, ou certa faceta da alfabetização, ou a questão da linguagem ou atrasos em áreas específicas da criança, etc.

Significa uma focalização sistemática que induz a aprofundar-se, de tal sorte a sair da condição de mero leitor ou espectador, para assim assumir a de contribuinte eficaz. Surge, também, a necessidade de concentrar esforços em procedimentos que levam ao aprofundamento, como leitura constante, coleta diligente de dados e informações, participação de seminários e encontros, cultivo e manutenção de contatos instigadores, fazer uma biblioteca com livros, e de tal forma que o tema receba o devido cuidado, sempre renovado.

A pesquisa do tema, também, é importantíssima para a prática do professor, partindo do material disponível e das práticas próprias ou alheias, aplicando o critério do questionamento reconstruído.

Para isso, é necessário inovar a prática pedagógica com a finalidade específica de inovar com ética. Deve haver a teorização das práticas, que significa tomar práticas como ponto de partida para a crítica e autocrítica, elaborar este questionamento, descobrindo suas lacunas, refazer a devida base teórica para superar as lacunas, e reinventar a própria prática.

Não se pode deixar de colocar em pauta o processo de permanente recuperação da competência do professor. Antes de tudo, competência exige sua recuperação constante, porque é da lógica do conhecimento inovador. Todas as profissões mais ligadas ao desafio da qualidade humana envelhecem rapidamente, porque dependem da capacidade inovadora, principalmente para o educador, que encontra no conhecimento sua instrumentação mais importante de mudança.

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa, não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.

No que se refere aos professores, este entendimento leva a situar o problema da formação no âmbito de um processo de mudança muito mais amplo e abrangente de que o vivenciado por cada professor em particular. Nela se incluem os conhecimentos teóricos e o saber fazer (a didática), a reflexão sobre a prática, mas num movimento com os outros – professores em formação, pesquisadores, formadores, o próprio contexto educacional. De tal forma que há por assim dizer, uma relação de dependência recíproca pela qual a qualidade das interações faz avançar a construção individual de conhecimentos e estes avanços, por sua vez, modificam as interações (TEBEROSKY, 1986, p. 148).

O educador tem que ser um profundo conhecedor de seus educandos, de suas características, de seus interesses e de suas formas de expressão, de sentimentos, para oferecer exatamente aquilo que seja do seu interesse. E ainda respeitar a sua escolha de atividade e, para isso, oferecer opções para que escolha o que desejar.

O educando ocupado em atividades por ele mesmo escolhidas, revela elevado grau de atenção e interesse, como consequência, obtém delas disciplina natural e direção da sua própria atividade, fatos altamente desejáveis à educação. Oferecendo, portanto, atividade diversificada pode-se ter alunos interessados em aprender a aprender.

Todo trabalho em educação está impregnado desse posicionamento, pois não basta conhecer, ser crítico, tem que haver uma tomada de posição, um compromisso, e sendo uma sociedade excludente, um compromisso de transformação.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre práticas educacionais e transformações de metodologias nunca foi tão intensa como agora. A escola, os professores e os alunos tornaram-se verdadeiras vitrines, onde a cada novo modelo admirar-se ou não. Esse olhar pode ser de satisfação, sobre o que está exposto; ou de desapontamento com o que está sendo mostrado à grande platéia. Mas realmente o que fica de toda essa exposição a partir desse olhar? Pergunta-se também, como estaremos educando? Dando opiniões, construtivas, mesmo não aprovando o modelo ou demonstrando claramente a insatisfação do que foi apresentado.

Para Rubens Alves (2003, p. 94):

A este processo mágico pelo qual a palavra desperta os mundos adormecidos se dá o nome de educação. Educadores são todos aqueles que têm esse poder. Hoje, o que fascina é o poder dos técnicos, que sabem o segredo das transformações da matéria em artefatos. Poucos se dão conta de que fascínio muito maior se encontra no poder da palavra para fazer as metamorfoses do corpo, mas não é preciso ter ilusões. A palavra tanto pode invocar príncipes quanto sapos, tanto pode acordar borboletas quanto lagartas.

A verdadeira educação está na arte, na sabedoria do professor conseguir mediar qualquer situação que o incomode ou não sem alterar sua tranqüilidade. Ser cuidador, observador e saber despertar em seus alunos, levando-os a ter sentimentos de prazer ao aprender o que está sendo ensinado.

Rubem Alves (2003, p.94) ainda diz: educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: "Veja!" e ao falar, aponta. O aluno olha direção apontada e vê o que nunca viu. O se mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria que é a razão pela qual vivemos. Vivemos para ter alegria. O milagre da educação acontece quando vemos em um mundo o que nunca se havia visto.

Cabe aos educadores buscar juntos esse mundo maravilho que Rubem Alves enfatiza, mostrando aos olhos de todos os que estão na platéia que a escola, também, pode ser um mundo de encanto e fantasia.

Para a escola inclusiva, o desafio é saber levar seus alunos a aquisição da aprendizagem, sem deixar de considerar a todos com suas individualidades e necessidades próprias, assim como conseguir construir, juntamente com todos

àqueles envolvidos com o meio escolar um projeto pedagógico que contemple todas as peculiaridades que precisa ter em um ambiente escolar. Não podemos permitir que a escola se torne um “depósito” de crianças com déficit cognitivo ou com fracasso escolar. É necessário que tornemos nossas crianças inclusas no processo ensino-aprendizagem.

A escola precisa lançar desafios, trazendo para seu interior, práticas inovadoras, técnicas que despertem no aluno o prazer de aprender, mobilizando situações de aprendizagem que levem, também o aluno a aprender a viver.

Conhecimento se tem, portanto não é tão difícil ir ao encontro de mudanças, pois nunca foi tão fácil ter acesso a livros, cursos e outras modalidades de atualização. O que é preciso é a coragem para tomar uma atitude, unir a teoria à prática num só laço.

Mudança exige desacomodação, e para que isso ocorra é necessário que haja uma união entre todos aqueles educadores, comprometidos com a educação, com intuito de mudar o curso dessa história que no final será escrita por nós mesmos, o qual será o tema desse texto e dependerá dos educadores com atitude.

Tem-se a missão, enquanto educadores, de mostrar que aprender pode ser gostoso, porque eles, os educandos, não deixam dúvidas quando olham, enquanto recebem os saberes, que aprender tem que ser gostoso...

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Conversas sobre educação**. Campinas, SP: Verus, 2003.

ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas maneiras de aprender**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

BOSSA, Nadia A. **Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. 5.ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 1998.

\_\_\_\_\_. **Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERRARI, Márcio. A escola ignora quem não consegue aprender. **Nova Escola**, ago. 2006, p. 24-6.

FREITAS, Soraia Napoleão. **Diferentes contextos de educação especial/inclusão social**. Santa Maria: Pallotti, 2006.

GENTILE, Paola. A educação vista pelos olhos do professor. **Nova Escola**, nov. 2007, p. 32-9.

GROSSI, Esther; BORDIN, Jussara. **Paixão de aprender**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

PAQUAY, Léopold; PERRENOUD, F; ALTET, Marguerite et al. **Formando professores profissionais: Quais estratégias? Quais competências?**

PERRENOUD, Philippe. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. 2.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

\_\_\_\_\_. **A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Aprender tem que ser gostoso...** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.